REFLEXÕES SOBRE AS DESIGUALDADES FISCAIS

Por James E. Hughes, Jr., Advogado

Joanie Bronfman, Ph.D.

Jacqueline Merrill, *M.B.A.*

REFLEXÕES SOBRE AS DESIGUALDADES FISCAL

O termo «Desigualdades Fiscais», neste artigo, refere-se à situação financeira em que a mulher numa relação com um homem tem mais dinheiro do que o homem [1]. Historicamente, esta é uma situação que raramente existiu e, quando existiu, não conduziu a relações bem-sucedidas.

No início do século^{XXI}, nós, no Ocidente, vemos-nos envolvidos em discussões frequentes sobre relações de desigualdade financeira, à medida que a sociedade assimila a revolução ocorrida durante o século^{XX}no que diz respeito ao controlo das mulheres sobre o seu património financeiro. Quais eram as diferenças na situação financeira das mulheres entre a atualidade e o ano de 1900? Em primeiro lugar, em 1996, a revista *Fortune* relatou que, em 30% dos casais americanos, a esposa ganha mais do que o marido [2]. Embora não tenha conseguido obter dados mais recentes sobre esses agregados familiares, acredito que a percentagem nos Estados Unidos tenha aumentado. Ao mesmo tempo, um artigo recente da revista *The Economist* revelou que 59% das mulheres ativas na Europa Ocidental contribuíam com metade ou mais do rendimento total do seu agregado familiar. As mulheres francesas lideram esse ranking com 72% [3]. Embora não disponhamos de informações estatísticas semelhantes para o ano de 1900, duvido que algum leitor esperasse descobrir que, em 1900, sequer 10% dos agregados familiares nesses países apresentassem a mulher a ganhar mais do que o homem. Em segundo lugar, o padrão de controlo das mulheres sobre o seu património financeiro em 1900 pode ser melhor representado por esta situação factual: os pais legavam às filhas metade da herança que deixavam aos filhos, não mandavam as filhas para a universidade e entregavam o controlo da herança das filhas aos filhos. Durante o século^{XX}, no Ocidente, este padrão foi fundamentalmente rejeitado e, hoje em dia, as mulheres frequentam a universidade (em número ainda maior do que os homens), recebem partes iguais dos bens dos pais e têm controlo direto sobre o seu património financeiro. Esta mudança é tão fundamental que não hesito em utilizar o adjetivo «revolucionária» para a descrever. Mais uma vez, olhando para trás na história, é fácil perceber que as mudanças operadas nos papéis das mulheres na sociedade ocidental pela Primeira e Segunda Guerras Mundiais, pelo movimento feminista dos anos 60 e 70 e pelos extraordinários avanços recentes alcançados pelas mulheres na educação e, posteriormente, nas profissões e no comércio, levariam as mulheres a atingir níveis mais elevados de riqueza financeira e, talvez, o que é mais importante para a sociedade, o controlo efetivo da sua riqueza.

---

[1] Hoje em dia, muitas mulheres e homens optam por viver relações duradouras que podem ou não incluir o casamento. Neste artigo, referi-me por vezes a maridos e esposas e, mais frequentemente, a homens e mulheres. O meu objetivo é que todas as relações entre homens e mulheres, em que a mulher tem mais dinheiro do que o homem, sejam incorporadas neste único termo, de modo a que este seja inclusivo e não meramente descritivo.

[2] Clark, Kim, *«Women, Men & Money»*, revista Fortune, 5 de agosto de 1996, pp. 60-61.

[3] Emmott, Bill, Ed., *«Reflections on the^{20th}Century»*, revista The Economist, 11-17 de setembro de 1999, pp. 5-44.

Por que razão devemos interessar-nos por este fenómeno? Simplesmente porque a história tem apresentado um quadro muito sombrio do desfecho das relações em que a riqueza financeira da mulher excede a do seu parceiro. Os casais bem-sucedidos desejam relações estáveis e duradouras. De que formas é que a sociedade frustra essas relações? Enquanto jovem advogado a percorrer o mundo, fiquei impressionado com a profunda ansiedade dos sogros de todo o mundo em relação aos seus genros. De alguma forma, os receios suscitados nos sogros quanto às verdadeiras intenções dos seus genros em relação às suas filhas despertavam medos profundamente enraizados nestes homens normalmente equilibrados. Rapidamente se tornou claro para mim que lidar com as ansiedades da família da mulher, na melhor das hipóteses, coloca pressões adicionais na relação do casal e, na pior das hipóteses, pode condená-la ao fracasso, uma vez que carecerá do apoio e do investimento cruciais de todos os membros da família, necessários para o seu sucesso. Mais tarde, aprendi que existem razões biológicas e sociológicas para estes comportamentos [4]. Romances históricos, lendas populares e a sabedoria dos sogros oferecem-nos dois modelos para situações de desigualdade financeira, ambos sugerindo que a relação irá fracassar. Ao primeiro, darei o nome de modelo do «caçador de fortunas». Neste cenário, o homem entra na relação com o objetivo de obter a fortuna da mulher para si próprio. A história oferece-nos muitos exemplos desta verdade. Por exemplo, um antigo e mítico cavaleiro errante casa-se com a princesa e, depois, na história de Virgílio sobre Enéias e Dido, abandona-a; ou ainda, o genro pós-moderno assume o negócio do sogro e, em seguida, divorcia-se da filha. O segundo título é o modelo do «Homem do Clube». Neste cenário, o papel do homem é aparecer quando convocado, cumprir o seu dever de gerar herdeiros e, em seguida, retirar-se para o seu metafórico «clube». Aqui, o homem é um fraco e é visto pela família da mulher como alguém que não traz qualquer capital humano ou intelectual para a relação.

Frequentemente, neste padrão, ao homem, para ter algo que fazer, é atribuída a responsabilidade de gerir o dinheiro da mulher. Com igual frequência, ele não possui as competências, a aptidão ou mesmo o interesse necessários para o fazer bem. Eventualmente, a mulher reconhecerá que esta situação vai contra os seus interesses financeiros e despedir-lo-á, colocando uma grande tensão na relação. Nenhum destes dois modelos oferece qualquer incentivo positivo a um jovem casal ou às suas famílias. Infelizmente, a história não oferece um terceiro modelo positivo para este tipo de relações.

[4] Townsend, John Marshall, *O que os Homens Querem – O que as Mulheres Querem*: *Por que razão os sexos encaram o amor e o compromisso de forma tão diferente*, Oxford University Press, 1998.

Embora os dois cenários acima sejam antigos, existe outro medo mais subtil e profundamente enraizado entre os membros da família, oculto nestas histórias. Trata-se da questão da classe social e do medo de uma descida na escala social, que as relações com desigualdade financeira geram com demasiada frequência. Este medo pode muito bem estar no cerne de tantos fracassos nestas relações. Vários jornalistas e cientistas sociais que estudam as atitudes e o comportamento dos americanos disseram-me que há duas questões que os americanos se recusam a reconhecer: dinheiro e classe social. Se é que chegam a falar sobre elas, mentem sobre os seus verdadeiros sentimentos a este respeito. Isto pode muito bem explicar por que razão há tão poucos trabalhos académicos sobre estes temas. Os americanos gostam de acreditar que somos todos da classe média. Infelizmente, isto é um sofisma e os membros das classes privilegiadas e profissionais estão particularmente conscientes desta imprecisão. As questões de classe surgem imediatamente quando começo a aprofundar os receios criados nas famílias quando as suas mulheres estabelecem relações com homens que possuem menos riqueza financeira do que elas. Os biólogos evolucionistas afirmam que, por razões genéticas, a sociedade favorece que as mulheres se casem com alguém de classe social superior, a fim de garantir aos seus filhos acesso a melhores condições de saúde, habitação e outros recursos, enquanto ignora os homens que se casam com alguém de classe inferior [5]. Na minha experiência pessoal, as famílias envidam grandes esforços para tentar ajudar os seus membros mais jovens a estabelecer relações que, aos olhos da família, sejam iguais à posição de classe atual da família ou que a melhorem. Da mesma forma, na minha prática e tal como confirmado por vários cientistas sociais, a possibilidade de a família cair para um estatuto de classe inferior provoca grande ansiedade. Parece claro que muitas famílias temem que a riqueza da família se esgote e o seu estatuto seja destruído se a riqueza das suas mulheres for colocada em risco em relações com homens com menos riqueza financeira ou sem qualquer riqueza financeira. Isto é verdade especialmente se o homem for percebido como fazendo parte de uma classe inferior. Quando uma família se une contra um casal com base num dos dois cenários históricos acima mencionados ou, de forma mais subtil, em questões de classe, é necessário um casal excepcionalmente forte para perseverar.

O receio de que as mulheres de uma família se casem com alguém de classe inferior não é novidade. O mito, a historiografia, a sociologia e a antropologia oferecem inúmeras histórias sobre esses receios. A questão é: o que farão as mulheres privilegiadas e profissionais quando perceberem que são donas e controlam os seus bens? Uma vez que são livres para estabelecer relações com quem quiserem, onde encontrarão parceiros? Embora as questões de classe e dinheiro não sejam assuntos que os americanos se sintam à vontade para abordar, no caso dos esforços de um casal para criar e manter uma relação em que o poder de rendimento ou a riqueza financeira da mulher exceda significativamente os do homem, esta questão tem de ser abordada para que a relação seja bem-sucedida. Esconder ou tratar estas questões como um segredo só irá aumentar os seus efeitos insidiosos. Colocar esta questão em primeiro plano e enfrentá-la de frente é a única forma que um casal e as respetivas famílias têm de a manter sob controlo e, posteriormente, pô-la de lado.

É evidente que é necessário desenvolver novas regras para novos tempos. A questão é por onde começar. Ao longo dos últimos sete anos, tenho colaborado ativamente na procura de respostas a esta questão com a minha companheira de vida, que possui um património financeiro significativamente superior ao meu, e com duas colegas de profissão, Joanie Bronfman e Jackie Merrill. A Sra. Bronfman vive uma relação semelhante, tem um doutoramento em sociologia e escreveu a sua tese sobre questões relacionadas com famílias de

[5] De forma um tanto notável, este mesmo padrão, tal como relatado em vários estudos das ciências sociais, parece manter-se à medida que o nível de escolaridade e o estatuto profissional das mulheres aumentam.

privilégio[6] . A Sra. Merrill também se encontra numa relação semelhante e possui um MBA. Ao longo destes percursos pessoais e profissionais, conhecemos muitos casais que se debatem com as questões levantadas por este problema. Embora fosse presunçoso pensar que conhecemos as respostas a estas complexas questões sociais, acreditamos identificar algumas orientações úteis que, com o tempo, poderão ajudar a resolver algumas das complexas questões levantadas pela desigualdade financeira.

Na parte restante deste artigo, apresentarei observações sobre questões relacionadas com comportamentos masculinos, femininos, familiares e sociais que podem contribuir para o sucesso destas relações. A Sra. Bronfman descreverá as atitudes e expectativas que mulheres e homens trazem para as suas relações, tal como as observou na sua prática. Apresentará também algumas sugestões sobre o que os casais podem fazer para que estas relações sejam bem-sucedidas. Por fim, a Sra. Merrill apresentará práticas específicas para indivíduos e casais, com o objetivo de trazer estas questões à tona de forma segura e ajudá-los a seguir em frente.

[6] Bronfman, Joanie, «*The Experience of Inherited Wealth: A Social-Psychological Perspective*», 1987.

Para nós as três, parece que as questões cruciais para tais relações são tanto a autoestima de ambos os parceiros como a disposição da mulher para basear a sua felicidade no investimento masculino de recursos emocionais e intelectuais na relação, em vez de recursos financeiros. Tendo em conta os estereótipos de género de que o dever do homem é ser o provedor financeiro e o da mulher é cuidar da família, é fácil perceber como um homem se sentiria indigno se não estivesse a sustentar financeiramente a sua família. É claro que haverá casos em que o homem acumulará uma fortuna financeira maior do que a da sua parceira, mas tais situações serão pouco frequentes, à medida que mais mulheres, por meio de heranças, acordos de divórcio, maior nível de escolaridade e oportunidades de trabalho com rendimentos mais elevados, aumentam a sua percentagem global do capital financeiro da sociedade [7]. Apostar num relacionamento com base na capacidade do parceiro masculino de acumular tal fortuna é uma aposta arriscada, especialmente se a vocação do homem não for criar riqueza financeira. Dada a enorme variedade de trabalhos possíveis para os quais um indivíduo pode ser chamado, a criação de riqueza financeira, em oposição à criação de capital humano e intelectual, é também uma aposta improvável. Na verdade, um dos benefícios evidentes de relações bem-sucedidas deste tipo é a oportunidade de o homem exercer a vocação a que está verdadeiramente chamado, permitindo-lhe assim contribuir para a felicidade da relação através da prossecução do seu propósito mais profundo.

A sociedade, os dois cenários históricos negativos e as questões de classe discutidas acima continuam a proporcionar visões negativas do papel do homem. É necessária uma relação muito forte para superar estas posições negativas. É aqui que a questão da autoestima do parceiro masculino se torna tão importante. Por exemplo, há alguns anos, um amigo estava a conduzir uma reunião de cônjuges de membros de famílias privilegiadas. Entre os participantes encontrava-se um homem que era um profissional com uma carreira de grande sucesso. Aos olhos do mundo, era profundamente apreciado tanto pela sua integridade como pelos seus dons de cura. Além disso, ganhava muito bem. A fortuna da sua esposa, herdada da família dela, no entanto, garantia que a sua contribuição financeira para a relação fosse sempre insignificante. Nessa reunião, com grande pathos, explicou que, aos olhos da família da sua esposa, era a ovelha negra porque não era capaz de largar tudo e juntar-se a eles onde quer que viajassem. Ele debatia-se com a consciência de que era, aos olhos do mundo, muito bem-sucedido, mas, aos olhos deles, nada bem-sucedido. Esta é apenas uma das muitas histórias semelhantes que já ouvi. Em quase todos os casos que estudei ou em que participei, o casal envolve-se numa luta para garantir que o homem tenha verdadeira «dignidade», integridade, respeito por si próprio. Mais uma vez, a questão é a autoestima masculina. Não estou aqui a falar de falsos modelos masculinos baseados nas síndromes do «machismo» ou de «Peter Pan». Estou, sim, a falar de homens maduros, que percorreram o seu caminho individual até à masculinidade e que conseguem passar no simples teste de masculinidade que o meu pai me propôs: sou capaz de assumir total responsabilidade pelas minhas ações?

[7] Para sublinhar ainda mais este ponto, várias das instituições financeiras que consulto estão a utilizar tabelas atuariais que sugerem que, com a esperança de vida das mulheres a exceder agora significativamente a dos homens, 60% dos ativos das famílias americanas poderão ser detidos por mulheres em meados do século XXI.

Estou plenamente ciente de que vivemos numa época, como Susan Faludi nos revelou no seu livro **Stiffed: The Betrayal of the American Man*[(8)], em que muitos homens ocidentais têm dificuldade em encontrar com sucesso um modelo moderno de masculinidade. Esta luta não está a ajudar homens e mulheres a lidar com as novas questões da desigualdade financeira; pelo contrário, está a torná-lo mais difícil. Apesar disso, há muitos casais a esforçarem-se para que as suas relações funcionem, reconhecendo que as antigas regras da sociedade já não se aplicam realmente nestes novos tempos. Os casais que parecem estar a sair-se melhor reconhecem o desafio estimulante de forjar novas regras para um novo ambiente fiscal. Estes casais reconhecem que a distribuição mais equitativa dos recursos financeiros entre homens e mulheres é o futuro. Eles vislumbram um futuro que oferece um novo mundo maravilhoso, cheio de potencial para regras mais sólidas e equitativas para ambas as partes da relação. Os verdadeiros vilões desta história são a visão histórica do homem como «caçador de fortunas» ou «homem de clube», as questões de classe e a imposição pela sociedade de determinados papéis a homens e mulheres.

Os casais da nova era terão de desenvolver novos comportamentos para se adaptarem às novas condições financeiras; comportamentos que exigirão mudanças significativas, talvez até revolucionárias, no que a sociedade está disposta a aceitar. A mudança é sempre difícil e especialmente quando desafia convenções antigas, como a crença generalizada de que a desigualdade financeira conduz ao fracasso das relações. Independentemente da dificuldade de lidar com a mudança, o lado positivo da nova posse e controlo da riqueza financeira por parte das mulheres é claramente tão benéfico para eliminar a antiga discriminação de género que é necessário desenvolver novas regras. A questão crucial é se os casais nessas relações conseguem aceitar corajosamente a sua nova situação e equilibrar o papel poderoso das mulheres e a sua riqueza com as questões relacionadas com a autoestima masculina. Tal como se estão a forjar novos papéis para as mulheres, também se devem forjar novos papéis para os homens.

Tal como os casais têm de desenvolver novas regras, o mesmo se aplica às famílias e sociedades de que fazem parte. Tendo em conta as estatísticas sobre o número de agregados familiares que agora acolhem casais em que a «desigualdade financeira» é a norma, esta questão poderá muito bem revelar-se a principal preocupação das famílias à medida que se organizam para alcançar o sucesso a longo prazo. Duvido sinceramente que as famílias e a sociedade em geral permitam que os antigos papéis se mantenham, quando estes conduzem simplesmente ao caos e a uma infelicidade terrível. As famílias terão de criar novas narrativas e novos modelos para incorporar o novo modelo financeiro. Acredito que este processo já se encontra bastante avançado. Para que seja bem-sucedido, no entanto, os casais em relações «fiscalmente desiguais» devem reconhecer a natureza da sua relação financeira, perceber o seu profundo impacto na relação e aceitar de forma positiva o facto de que é provável que esta situação se mantenha ao longo da relação. As famílias destes casais também devem reconhecer esta realidade e tanto aceitá-la como respeitá-la. Embora isto pareça relativamente fácil de fazer, é importante lembrar que, no Ocidente, o dinheiro é um assunto sobre o qual a maioria das pessoas prefere não falar.
Quando acrescentamos a desigualdade financeira à discussão, as questões podem facilmente tornar-se acaloradas. No entanto, neste novo contexto, as famílias têm de aprender a discutir abertamente estas questões, se quiserem encontrar um novo paradigma para estas relações que fortaleça tanto as próprias relações como a família no seu conjunto. É evidente que, com as velhas histórias e as emoções que estas suscitam ainda

[8] Faludi, Susan, *Stiffed*: *The Betrayal of the American Man*, William and Morrow & Co., 1999.

muito presentes na psique das famílias, isto não vai acontecer da noite para o dia. A mudança, no entanto, acabará por chegar, uma vez que as famílias não podem fazer o planeamento e a estruturação a longo prazo necessários para o sucesso duradouro, a menos que as relações que os seus filhos e netos estabelecem sejam bem-sucedidas. Na minha opinião, a família será então a forja onde serão criadas as novas histórias de relações bem-sucedidas.

Chegado a este ponto, gostaria de passar a palavra às minhas coautoras, primeiro à Sra. Bronfman e, em seguida, à Sra. Merrill.

* * * * *

O Sr. Hughes e eu concordamos que, num futuro próximo, muitas mulheres irão ganhar ou herdar mais dinheiro do que os seus parceiros masculinos, um facto que nos obrigará a todos a reformular as nossas ideias sobre os papéis femininos e masculinos no casamento ou noutros relacionamentos comprometidos. Irei descrever algumas das atitudes e expectativas sociais atuais que têm afetado as relações entre mulheres e homens e, em seguida, sugerirei formas de fazer com que a mudança aconteça de maneira positiva.

As mulheres têm trabalhado arduamente para eliminar as barreiras na sociedade. Então, por que razão continua a ser um problema uma mulher ser mais bem-sucedida e/ou mais rica do que o seu marido ou parceiro romântico? Faz sentido que algumas mulheres tenham como parceiros homens que não ganham tanto dinheiro nem têm tanto dinheiro como elas. Por que razão deveria ser desconfortável para nós ou para os outros se os homens nas nossas vidas tiverem menos dinheiro do que nós? Não há nenhuma razão intrínseca para que os homens tenham mais dinheiro e poder do que as mulheres, mas a nossa sociedade está habituada a que os homens ocupem
esses papéis, e tanto as mulheres como os homens sentem-se frequentemente desconfortáveis com a inversão dessa situação. No passado, estas eram preocupações das mulheres com fortunas herdadas. Hoje, à medida que as mulheres se tornam mais bem-sucedidas no mundo dos negócios, também as mulheres profissionais enfrentam estas questões.

A nossa sociedade continua, em muitos aspetos, a ser patriarcal. Incentiva os homens a serem os líderes e a deterem o poder «importante». Os homens devem ser os competentes, envolvidos no mundo, a ganhar dinheiro, a sustentar-se e a trazer para casa os recursos necessários para sustentar a família. As mulheres, por outro lado, devem criar os filhos e apoiar emocionalmente os homens. Esperamos que os homens tenham poder e competências nas áreas importantes, incluindo o dinheiro, e que as mulheres tenham poder e competências nas áreas consideradas menos importantes, incluindo o lar e as relações.

Se se esperasse que os homens tivessem poder numa área e as mulheres noutra, e ambas fossem igualmente valorizadas, isso não seria tão problemático. Mas quando as mulheres ganham mais do que os homens, isso vai contra as nossas atitudes patriarcais internalizadas — de que são os homens que devem ter o poder financeiro. Isto deixa-nos a todos desconfortáveis.

Enquanto sociedade, temos vindo a debater-nos com estas ideias. As mulheres já não se contentam em ficar em casa, e as famílias precisam de dois provedores para ter um bom nível de vida. Infelizmente, podemos ainda sentir que as mulheres devem ser responsáveis pelo lar e pela família, mesmo quando tanto as mulheres como os homens trabalham fora de casa.

É verdade que o «teto de vidro» está a ser desafiado no local de trabalho, onde, de acordo com

o Gabinete de Estatísticas do Trabalho, em 1998, quase um terço das mulheres casadas nos EUA ganhava mais do que os seus maridos. Mas as expectativas de que o homem deva ganhar mais do que a mulher não mudaram no seio do lar, sobretudo nas famílias abastadas. Além disso, embora mulheres e homens a título individual estejam a tentar lidar com estas questões, não existe um movimento de mulheres e homens a pressionar para que se reexamine a situação de desigualdade financeira.

O que acontece quando a mulher é a principal provedora de recursos, em vez do homem? Poderíamos dizer: «Isto é fantástico. É maravilhoso que esta responsabilidade, que tem pesado tanto sobre os homens, não seja assim que funcionamos na nossa família.» Mas, muitas vezes, não é assim que nos sentimos. Tanto as mulheres como os homens sentem-se desconfortáveis, com a sensação de que algo está errado. A mulher sente-se inquieta — sem que seja sempre claro o motivo — com o facto de ter alcançado demasiado, de já não estar no lugar, no molde, no papel onde deveria estar. O homem questiona-se: «Haverá algo de errado comigo, pelo facto de ela ganhar mais dinheiro do que eu? Será que sou inadequado? Não sou suficientemente ambicioso? Haverá algo de errado com ela? Será que ela é demasiado ambiciosa?» E assim, temos mulheres que enfrentam problemas de autoestima em relação ao facto de ser ou não aceitável serem poderosas e ricas, e homens que enfrentam problemas de autoestima pelo facto de terem menos poder financeiro do que as mulheres nas suas vidas.

Os problemas de autoestima das mulheres manifestam-se, por vezes, na preocupação de que possam tornar-se «sem-abrigo»: um medo de que, por mais dinheiro que tenham, possam perder tudo. Vejo isto como mais um efeito do patriarcado na autoestima das mulheres. As mulheres não são criadas para acreditar que podem sustentar-se a si próprias. As mulheres de famílias abastadas recebem frequentemente menos dinheiro do que os seus irmãos, menos informação sobre o dinheiro, menos formação e menos controlo. Podem ser vistas como menos competentes do que os seus irmãos ou primos do sexo masculino, quer isso seja verdade ou não. Estes problemas nas famílias abastadas são reforçados pela visão ainda prevalecente na nossa cultura de que as mulheres são menos competentes do que os homens em questões financeiras. Quando duvidamos da nossa capacidade de cuidar de nós próprias, a ideia de perder a nossa riqueza pode deixar-nos com medo de ficarmos na miséria. A falta de autoestima leva estas mulheres a sentir que, caso perdessem o seu dinheiro, seriam incapazes de se sustentar. Não é de admirar que esta atitude seja mais evidente nas mulheres que herdaram riqueza do que naquelas que a conquistaram.

Ao refletir sobre a norma social de falta de competência financeira atribuída às mulheres com riqueza herdada, dou por mim a pensar nas mulheres chinesas da classe alta cujos pés eram enfaixados e que, por isso, não conseguiam cuidar de si próprias. Elas refletiam bem a imagem dos seus maridos, que eram tão ricos que podiam dar-se ao luxo de ter mulheres bonitas que tinham sido tornadas fisicamente e psicologicamente dependentes.

Uma atitude que o Sr. Hughes observa nas suas clientes é a de «O que é meu é meu, e o que é teu é meu». Eu interpretaria «O que é meu é meu» de forma diferente. Parece-me mais como «O que é meu é meu, ou será que não?». As mulheres com riqueza herdada muitas vezes não foram educadas para ver o dinheiro como seu, mas sim como pertencente ao banco, ao pai ou à família. Não tendo sido encorajadas a pensar no dinheiro como sendo delas, têm dificuldade em doar algo que não sentem que realmente lhes pertença. Muitas mulheres com património herdado também não foram educadas para gerir o seu próprio dinheiro. O resultado é que, muitas vezes, sentem-se desconfortáveis com o seu dinheiro e não lidam bem com ele na relação com os seus parceiros.

A segunda parte desta frase, «O que é teu é meu», eu interpretaria como «Apesar de ter recursos financeiros mais do que suficientes, ainda quero sentir que estás a cuidar de mim.» A nossa sociedade transmite a ideia de que os homens devem cuidar das mulheres. E as mulheres, mesmo aquelas com riqueza ganha ou herdada, continuam a ansiar por isso. Como disse uma executiva de uma grande empresa da Internet: «Uma partícula minúscula de mim tinha a fantasia de que me casaria e seria cuidada.»[9] Penso que os homens também anseiam por serem cuidados, mas não lhes é permitido demonstrá-lo. Espera-se que as mulheres cuidem dos homens, mas não no domínio financeiro. Espera-se que as mulheres cuidem das necessidades emocionais dos homens de tal forma que nem os homens nem a sociedade se apercebam de que o estão a fazer.

Concordo com o Sr. Hughes que a necessidade de algumas mulheres abastadas de serem sustentadas financeiramente por homens que têm menos do que elas pode tornar a situação difícil para os homens. Os homens que aceitam a expectativa de que têm de ser financeiramente mais poderosos do que as mulheres limitam necessariamente as suas opções para uma vida significativa, e as mulheres que esperam isso dos homens limitam os tipos de relações que podem ter com os seus parceiros.

Sugiro que, por mais difícil que seja, precisamos de pensar de forma diferente sobre a situação de desigualdade financeira. Temos uma oportunidade emocionante de mudar um sistema que não tem funcionado bem nem para as mulheres nem para os homens. Mas, para o fazer, precisamos de compreender por que razão a situação de uma mulher ter mais dinheiro do que um homem é tão desconfortável. Para resumir, no caso de um homem, isso deve-se ao facto de ele esperar ocupar o papel de superioridade. No caso de uma mulher, deve-se ao facto de ela não ter sido educada para se sentir à vontade com o poder. E mesmo quando nós próprias nos sentimos à vontade com a situação, podemos ter de lidar com os sentimentos de amigos e familiares que ainda não se adaptaram a esta inversão de papéis.

Estamos numa época de transição. É emocionante ver que as mulheres estão a alcançar mais sucesso e poder. Mas, por vezes, descobrimos que os nossos sentimentos, bem como as nossas expectativas sobre papéis, estatuto e relações entre mulheres e homens, estão desfasados em relação a estas conquistas. Então, como lidamos com esta situação?

Não existem regras sobre como fazer com que as relações funcionem. Cada casal precisa de construir a sua relação por si próprio. Mas o que, na minha opinião, faz a diferença é o respeito mútuo, o empenho numa vocação ou profissão, a autoestima, a idade e a maturidade, a capacidade de discutir questões, a compreensão da sua própria experiência e da experiência da sua família de origem em relação ao dinheiro, a consciência de como estão a usar o poder na sua relação e o sentido de humor.

[9] *«Reversal of Fortune»*, Harper's Bazaar, agosto de 2000, p. 192.

Os casais cuja relação assenta numa consideração positiva mútua têm mais facilidade em lidar com quaisquer desafios. Isto inclui lidar com a desigualdade financeira. Os casais que se respeitam e acreditam que o outro é, no fundo, bom, moral e digno de confiança dispõem de um contexto para resolver os seus sentimentos em relação à sua situação financeira.

Os casais precisam de respeitar o que o outro faz. Não acredito que os homens precisem de igualar o capital financeiro das suas parceiras, seja através de rendimentos ou de investimentos, mas precisam de ter um compromisso com uma vocação ou profissão. Este tipo de compromisso proporciona aos indivíduos uma identidade e um quadro de referência que não se baseia na relação nem no dinheiro.

As mulheres e os homens lidam melhor com o dinheiro nas suas relações se ambos forem autoconfiantes e competentes. As mulheres com baixa autoestima podem sentir-se dependentes da sua riqueza para a sua identidade. Da mesma forma, podem, por vezes, usar a sua riqueza para reforçar a sua autoestima quando se sentem mal consigo mesmas. A longo prazo, estas não são boas estratégias. Uma autoestima saudável resulta da consciência das próprias aptidões e competências, do empenho no autodesenvolvimento e da conquista da autonomia.

A idade e a maturidade do casal podem influenciar o sucesso com que lidam com estas questões. O início dos 20 anos é uma fase difícil para os casais resolverem questões relacionadas com a disparidade de riqueza. Se o homem ainda não tiver alcançado sucesso profissional nem provado a sua capacidade de se sustentar, pode sentir-se ameaçado pela riqueza da mulher e recear não conseguir competir. Se, por outro lado, o homem for mais velho, tiver boa autoestima e tiver sido bem-sucedido na carreira que escolheu, a riqueza da mulher pode não ser uma ameaça. Falei com uma mulher cujo marido era professor. Ele encorajou-a a tornar-se presidente do conselho de administração da empresa familiar. Ela disse-me:

«O meu marido tem-me apoiado imenso em tudo isto. Sinto-me muito afortunada por ter casado com um homem que não tem quaisquer complexos por estar casado com uma mulher numa posição de poder... Não o incomoda minimamente ser "o cônjuge". "É um homem muito especial."»

Uma das competências mais cruciais para um casal é a capacidade de discutir assuntos entre si, de se ouvirem mutuamente e de compreenderem e abordarem as preocupações um do outro. É particularmente útil que cada um esteja disposto a refletir sobre o seu próprio papel nas dificuldades que o casal esteja a enfrentar. Além disso, é frequentemente útil que os casais conversem entre si sobre a história das suas famílias em relação ao dinheiro, o que o dinheiro significava na sua família, em que a família gastava o dinheiro, etc. Conhecer as origens dos seus próprios sentimentos e dos do seu parceiro em relação ao dinheiro pode proporcionar aos casais oportunidades de exploração e crescimento e conduzir a uma maior intimidade. Este tipo de conversas pode ajudar os casais a desenvolver uma forma mais consciente de lidar um com o outro no que diz respeito ao dinheiro.

O ideal seria que as mulheres com património começassem a resolver a sua relação com o dinheiro antes de se envolverem em relações sérias e não trouxessem para a relação de casal toda a sua ambivalência não resolvida em relação ao seu património. Podem surgir problemas quando as mulheres que se sentem desconfortáveis com o seu dinheiro entregam esse dinheiro aos seus parceiros, que têm as suas próprias questões relacionadas com o dinheiro. Mais tarde, a mulher pode sentir-se desconfortável com este acordo e o marido pode mostrar-se relutante em abdicar do controlo. Funciona melhor quando as mulheres assumem o controlo da sua relação com o dinheiro antes de terem de lidar com os seus parceiros íntimos sobre questões financeiras.

Da mesma forma, é útil que os homens também resolvam as suas questões relacionadas com o dinheiro antes de as trazerem para a relação.

Tanto as mulheres como os homens precisam de estar conscientes de como usamos o nosso poder nas nossas relações com os nossos parceiros. Isto é complicado. Como mulheres, por vezes é-nos difícil afirmar-nos e dar a conhecer os nossos desejos. Mas, como mulheres abastadas, podemos não ter consciência das formas como usamos o poder do nosso dinheiro. Normalmente, os seres humanos estão muito mais conscientes da forma como os outros exercem o poder — especialmente quando isso parece inadequado — do que estamos do nosso próprio poder. Pode ser útil prestar atenção à forma como as decisões são tomadas nas nossas relações. Por exemplo, quem é que decide como o dinheiro deve ser gasto, em que bairro viver ou para onde ir de férias? A pessoa que tem o dinheiro parece ter mais peso na tomada de decisões?

Por fim, ter sentido de humor pode ajudar os casais a manter uma boa perspetiva sobre as questões com que se deparam.

Mais importante ainda, tanto as mulheres como os homens precisam de aprender a pensar de novas formas quando a mulher é abastada e o homem não. Este não é um problema insuperável, mas requer a vontade de encarar as situações com um novo olhar e de ter conversas em que tanto a mulher como o homem possam falar sobre os sentimentos que estão a vivenciar.

É preciso um homem fora do comum — alguém que se sinta à vontade consigo mesmo e que não se sinta ameaçado por esta mudança de papéis. É preciso uma mulher fora do comum — alguém disposta a questionar as formas como interiorizou as expectativas tradicionais. E é preciso um casal fora do comum — um casal disposto a explorar em conjunto o que significa desenvolver uma relação que desafie os estereótipos convencionais sobre como as relações devem ser.

Na próxima secção, a Sra. Merrill irá apresentar um processo que pode ajudar os casais a lidar com estes desafios.

* * * * *

Na parte inicial deste artigo, o Sr. Hughes apresentou a base histórica para os desafios contínuos que os casais com desigualdade financeira enfrentam. A Sra. Bronfman resumiu muitas das razões culturais e emocionais por trás das dinâmicas pouco saudáveis entre eles e fez algumas sugestões gerais sobre o que os casais podem fazer. Vou apresentar um processo específico que será de utilidade prática para os casais.

Com a história a apresentar um quadro tão sombrio quanto ao prognóstico para essas relações, as pessoas anseiam por orientação para redefinir os seus futuros. Homens e mulheres nessas situações sentem um mal-estar profundamente enraizado. Os casais precisam de desenvolver melhores competências de comunicação e de desvendar as mensagens, crenças e valores das suas famílias em relação ao dinheiro, ao sucesso e ao poder. Todos concordamos que temos de pensar de forma diferente sobre estas questões.

Chegou a altura de explorar formas práticas para que as pessoas adquiram ferramentas sólidas e úteis para gerir com sucesso estas relações. O processo a que chamo *«Descoberta»*, e que explico em pormenor abaixo, oferece novos métodos de aprendizagem e a oportunidade de mudar a forma como navegamos neste

terreno.

Em 1989, fundei a CenterPoint em Aspen, uma empresa que oferece retiros e seminários a casais e a mulheres. Tinha obtido um MBA e recebido formação extensiva como facilitadora. O cerne do programa da CenterPoint é o desenvolvimento de declarações de missão pessoais e de casais. Descobri, juntamente com os participantes — que também são os meus professores —, que ganhamos clareza, confiança e energia quando descobrimos o nosso propósito de vida. Como resultado, os julgamentos e ressentimentos que temos em relação a nós próprios e aos nossos parceiros podem, muitas vezes, ser atenuados.

Como ex-cônjuge de dois homens que não estavam ao meu nível financeiro, e tendo sobrevivido — na verdade, prosperado desde então —, partilharei, a partir da minha própria experiência, ferramentas que podem melhorar estas relações. Convido-vos a participar numa jornada e numa exploração que foram desenvolvidas e praticadas ao longo do tempo na minha vida profissional e pessoal.

Se os casais e os indivíduos que ainda não se encontram numa relação romântica desenvolverem declarações de missão, envolvendo-se assim na *«Descoberta»*, poderão dissipar muitas das tensões que ensombram a saúde, a estabilidade e a felicidade das suas relações. Com as competências para definir e redefinir o que dá sentido às suas vidas ao longo do tempo, e para refletir sobre o que o sucesso significa para cada um
um, podem tirar as questões financeiras do centro das atenções.

Antes de apresentar o processo de *«Descoberta»*, deixem-me explicar como passei a valorizar o papel das declarações de missão para casais e indivíduos. Certa vez, participei num programa educativo de uma semana para famílias abastadas. Bruno Bettleheim, o renomado psiquiatra, era um dos oradores. Ele iniciou o seu programa pedindo aos pais na plateia que respondessem a três perguntas, levantando as mãos.

«Quantos de vós têm filhos que sabem **como** gastam o vosso tempo e energia?» Todas as mãos se levantaram.

«Quantos de vocês têm filhos que sabem **por que razão** gastam o vosso tempo dessa forma?» Levantaram-se muito menos mãos.

«Quantos de vós têm filhos que sabem o que **sentem** em relação à forma como gastam o vosso tempo?» Cerca de três mãos levantaram-se.

Enquanto observava a audiência a ponderar sobre as implicações das suas perguntas, dei por mim a pensar que fariam bem em fazer a si próprios estas mesmas perguntas, antes de considerarem as respostas dos seus filhos. Colocando estas perguntas de outra forma: o que é que, de facto, nos motiva, pelo que é que nos apaixonamos? Temos a sensação de estarmos chamados para as atividades a que dedicamos a nossa energia e o nosso tempo? Estas atividades parecem-nos valer a pena? Até que ponto comunicamos as nossas paixões e motivações aos outros, em particular aos nossos parceiros?

Estas questões estão no centro da aprendizagem para as pessoas que lidam com a realidade de mulheres que dispõem de maiores recursos financeiros do que os seus parceiros. O processo de *Descoberta* proporciona um método, um contexto e um roteiro para novos começos.

Nos últimos anos, passei a sentir-me mais à vontade com a desigualdade financeira na minha própria vida, em parte graças a um homem maravilhoso que é o meu parceiro e que possui menos

do que eu. A nossa jornada rumo a uma interação saudável tem sido impulsionada, em grande parte, pelo desenvolvimento das nossas declarações de missão individuais e de uma declaração conjunta como casal. Praticamos o processo de *Descoberta* regularmente. Gostamos de explorar, ao longo do tempo, o que dá sentido à nossa vida, o que é importante para nós, quais são as nossas crenças e paixões, bem como os nossos valores divergentes em relação ao dinheiro. O foco nas nossas vocações e prioridades afastou a desigualdade financeira — e as questões de poder que lhe são inerentes — do centro das nossas vidas. Apoiamo-nos e valorizamo-nos mutuamente de forma cada vez mais plena. Discutimos as questões difíceis. Ainda temos momentos tensos e dolorosos, mas esses momentos assentam na honestidade e num ambiente seguro. Definimos o sucesso e o poder de forma muito diferente e recebemos mensagens díspares das nossas famílias sobre o que o dinheiro significa e o seu papel nas nossas vidas.

Estas perceções pouparam-nos do clima tóxico que advém de evitar um assunto sobre o qual «simplesmente não se fala». Quando estamos mais confusos, afastamo-nos da intensidade e rimos da realidade revelada por inquéritos realizados a pessoas ricas. Esses inquéritos confirmam que, quando entrevistadas, as pessoas ricas geralmente não dizem a verdade, o que é outra forma de dizer que não falam sobre a sua riqueza de forma honesta.

Isto leva-nos à nossa jornada até aqui e aos passos específicos para desenvolver as nossas declarações de missão. Como definimos uma declaração de missão? Uma declaração de missão pode ser qualquer coisa, desde algumas palavras até alguns parágrafos, e serve como um guarda-chuva de significado sob o qual se expressam os muitos aspetos da nossa identidade. Uma declaração de missão reflete quem somos para além dos nossos empregos e papéis nas famílias e comunidades, e para além dos nossos objetivos e listas de tarefas. Ajuda-nos a lembrar-nos de que somos *seres* humanos, quando muitas vezes nos sentimos como meras *máquinas de fazer*. Inclui as nossas paixões, as nossas prioridades, os nossos valores e as atividades às quais dedicamos as nossas energias. Muitas vezes, incluímos nas nossas declarações de missão as partes de nós próprios que pusemos em espera e que só agora começamos a revelar.

Porque é que chamo ao processo de escrever uma declaração de missão um processo de *Descoberta*? Porque não temos de inventar nem pesquisar o nosso propósito; basta detetá-lo, descobri-lo. Esse processo de deteção pode durar toda a vida, sendo uma viagem e não um destino. Exige que escutemos o nosso interior e uns aos outros, em vez de procurarmos noutro lado. Embora seja um trabalho útil em curso, pensem nele também como uma brincadeira em curso.

Os três exercícios seguintes proporcionam-nos um inventário das nossas paixões, dos nossos valores e das atividades que nos realizam. Ao refletir sobre os exercícios, tenha em mente que são convites para explorar o terreno das vossas vidas interiores, como indivíduos e como casais. As nossas paixões refletem aquilo por que as nossas almas anseiam, onde encontramos alegria, prazer e satisfação numa
no dia a dia. Os nossos valores constituem a base a partir da qual escolhemos como empregar o nosso tempo e a nossa energia. As atividades que brotam das nossas paixões e dos nossos valores são a nossa forma de fazer a diferença no mundo.

Cada exercício deve ser realizado por escrito. São a matéria-prima que nos prepara para redigir as nossas declarações de missão pessoais e as nossas declarações de missão enquanto casal. As nossas declarações de missão confirmam aquilo que, por vezes, esquecemos: que todos temos uma vocação e que todos temos um propósito nas nossas vidas.

Realizem primeiro cada um dos três exercícios individualmente. Aqueles que têm parceiros podem, em seguida, partilhar e discutir as notas uns dos outros. Por fim, cada um redigirá a sua declaração de missão pessoal. Os casais redigirão a sua declaração de missão em duas partes. Primeiro, cada um escreverá uma declaração de missão pessoal. Depois, irão combinar as suas declarações de missão pessoais e redigir a sua declaração de missão enquanto casal.

EXERCÍCIO 1

Descreva o seu dia ideal. Inclua coisas que já tem na sua vida, bem como o que acrescentaria ou eliminaria para tornar o seu dia ainda mais ideal. Este é um convite para usar a sua imaginação e o seu sentido de humor. Não seja prático. Não há necessidade de ter em conta o tempo para dormir ou o tempo que demora a percorrer distâncias. O objetivo é criar a lista mais longa possível dos seus sonhos e do que o faz feliz.

Não se esqueça das pequenas coisas. O dia ideal de uma pessoa começa sempre por ter dormido bem na noite anterior; o de outra começa por ouvir do seu médico que está de excelente saúde e precisa de ganhar cinco libras. Outra afirma que tem sempre uma visão perfeita e, por isso, nunca mais terá de procurar os óculos. O dia ideal de outra pessoa inclui pequeno-almoço, almoço e jantar em três continentes diferentes.

Certifique-se de incluir aquilo de que gostava quando era criança. Essas são, muitas vezes, as partes de nós que pusemos de lado ou ignorámos. Se adora basebol, mas já não consegue jogar, inclua-o na mesma; pode trazer o basebol de volta à sua vida de alguma outra forma. Inclua atividades e pensamentos que reflitam o maior número possível de aspetos de si mesmo. Por exemplo: competente, criativo, brincalhão, produtivo, curioso, extrovertido, recluso, sensual, atlético, musical, carinhoso, estético, ambicioso, organizado, espiritual, filantrópico, independente, voluntário ou que aprende ao longo da vida.

EXERCÍCIO 2

Imagina-te daqui a 20 anos. Estás rodeado pelos teus descendentes e/ou pelos descendentes dos teus amigos. Encontras-te num ambiente acolhedor e descontraído, como por exemplo à volta de uma lareira. Que valores e qualidades de caráter dirias a eles que são importantes para desenvolver e seguir na vida? Que sabedoria e verdade gostarias de partilhar com eles a partir da tua própria experiência? Coloca-te no lugar dos ouvintes para que sejas o mais concreto e específico possível. O nosso objetivo é enumerar o maior número possível de valores e de sabedoria. Considere, em primeiro lugar, os valores que está a manifestar na sua vida ou que gostaria de cultivar. Pergunte a si mesmo se está apenas a falar da boca para fora sobre alguns valores, em vez de os viver.

Para quem enfrenta desigualdades financeiras, é importante incluir quaisquer reflexões ou questões que tenha sobre o que o dinheiro significa para si (e o que não significa), bem como as suas atitudes em relação a gastar e poupar. Pense nas mensagens, subtis e explícitas, que recebeu das suas famílias de origem sobre todos estes assuntos. Que valor atribui, se é que atribui algum, à filantropia? Como define o sucesso,
e como define o poder nos seus aspetos positivos e negativos? Como define a integridade? A compaixão? O respeito? Que verdades ou virtudes gostaria de ter conhecido mais cedo na sua vida?

Ao contrário do exercício do «dia ideal», em que não deve ser prático, as suas respostas ao Exercício 2 devem basear-se nas suas palavras e ações.

EXERCÍCIO 3

Imagina que é o teu 60.º aniversário. Pediram-te para escrever um artigo sobre as atividades e contribuições de que mais te orgulhas na tua vida. Menciona o que esperas alcançar, bem como o que já realizaste. Reflete sobre como gostarias de ser lembrado pela família, pela comunidade, pelos colegas e pelos amigos. Não te preocupes com o estilo de escrita ou com a gramática. Usa marcadores, se isso te ajudar.

* * *

Em cada um dos exercícios, a sua intenção é lançar a rede mais ampla possível e reunir o maior inventário. Seja o mais curioso que puder e pense que está a pescar o máximo de informação possível. Aqui não há notas, apenas feedback útil para satisfazer a sua curiosidade.

O momento ideal para iniciar este processo é antes de entrarmos numa relação amorosa. Aqueles de vós que têm a sorte de se encontrar nesta situação podem querer explorar estes exercícios com um amigo ou um irmão. Para os casais, não há momento melhor do que o presente. Partilhem e discutam as vossas notas após cada um destes exercícios com o vosso parceiro.

Antes de começarem a redigir as vossas declarações de missão pessoais e de casal, talvez queiram refletir sobre o material que recolheram. Muitas pessoas preferem repetir os três exercícios várias vezes. Quanto mais os praticarem, mais rico será o vosso feedback. No entanto, com as notas que têm da vossa primeira tentativa, estão prontos para escrever o vosso primeiro rascunho.

ELABORAÇÃO DA VOSSA DECLARAÇÃO DE MISSÃO

Reflita sobre a informação que reuniu, tendo em mente as seguintes perguntas:

-*Qual é o sentido da minha vida e o que mais importa para mim?* (Exercício «O Dia Ideal»)
- *Que valores/virtudes defendo e pelos quais me guio?* (Exercício «Daqui a 20 Anos»)
- *Que ações estou a tomar e irei tomar para viver de acordo com o sentido da minha vida e com aquilo em que acredito?*
(Exercício «60.º Aniversário»)

Em seguida, comece a escrever um rascunho da sua declaração de missão individual. O objetivo é expressar as suas paixões, os seus valores e a forma como está a agir de acordo com ambos. Seja paciente e gentil consigo mesmo. O processo é mais importante do que o resultado. As declarações de missão não são escritas uma única vez e gravadas em pedra. Muitas pessoas já reescreveram a sua várias vezes. Reserve tempo para
reler e rever os vossos rascunhos nos próximos meses.

Os casais levarão o processo um passo mais além. Quando cada um tiver um rascunho da sua declaração de missão pessoal, discutam-nas e comecem a combinar as vossas versões. Incluam, da melhor forma possível, aquilo em que acreditam no que diz respeito à gestão de assuntos financeiros. Não é necessário concordar em

tudo, mas é útil explorar a possibilidade de apoio mútuo em relação a atividades e valores que não partilham.[10]

Quando os casais começam a analisar as respostas um do outro aos três exercícios e a redigir em conjunto as suas declarações de missão, é importante que criem uma atmosfera segura e isenta de julgamentos. Dessa forma, podem sentir-se à vontade para serem honestos e vulneráveis um com o outro. Pode ajudá-los lembrar-se de que são, de certa forma, pioneiros e estão a aventurar-se em conversas sobre dinheiro, poder e sucesso que, historicamente, simplesmente não eram discutidas.

Este é um espaço para os casais demonstrarem curiosidade um pelo outro, ouvirem com atenção e abertura, e se encontrarem numa fase de *descoberta* mútua. Trata-se de um trabalho e de uma brincadeira em curso. As questões por resolver podem ser deixadas como tal nos seus rascunhos. O objetivo é envolver-se no processo, não produzir um resultado final.

Tal como foi salientado anteriormente, quanto mais cedo num relacionamento um casal iniciar um diálogo sobre estas questões, maiores serão os benefícios. Cada indivíduo carrega um fardo emocional em torno do dinheiro, do sucesso e do poder. *A descoberta* oferece uma oportunidade para libertar esse fardo emocional. Os casais podem então explorar os valores, as prioridades e as paixões um do outro. Estas são
boas práticas a desenvolver logo no início de qualquer relação. Imaginem todas as conversas frutíferas que os casais podem ter se refletirem sobre os seus dias ideais, ou sobre os valores que partilhariam com pessoas mais jovens do que eles — conversas que talvez nunca ocorressem se as diferenças económicas predominassem.

As vossas declarações de missão devem dar-vos orientação, motivação e inspiração. Se vos esgotarem, continuem a trabalhar nelas até sentirem que vos energizam. As nossas declarações de missão não são o refúgio das nossas compulsões. Quando se expressam da forma mais autêntica, devem sentir-se orgulhosos e entusiasmados.[11]

Muitos de nós fomos educados para nos concentrarmos nos resultados, em definir e atingir objetivos, no destino em vez da viagem. Para maximizar os benefícios da *Descoberta*, temos de nos lembrar de nos concentrarmos nas perguntas, em vez de procurarmos as respostas. Faça perguntas a si próprio com frequência ao longo do dia. O que mais poderia eu gostar no meu dia ideal? Que sonho omiti e que, por isso, ficou por concretizar? Que crença acabei de refletir quando disse isso? Estou

[10] Consulte o Anexo A para ver exemplos de declarações de missão pessoais e de casais.

[11] Os casais que se sintam menos à vontade com a escrita podem considerar iniciar o processo de *Descoberta* desta forma não verbal. Pegue numa folha grande de papel, do tamanho de papel de jornal ou com aproximadamente 3' x 4', ou junte várias folhas com fita adesiva. Com lápis de cera, desenhem juntos, ao mesmo tempo e sem falar, uma imagem da vossa vida a dois nessa folha de papel. Incluam o máximo de atividades e valores que puderem — as alegrias que partilham e aquelas que não partilham. Incluam também os aspetos das vossas vidas de que desfrutam separadamente. Podem incluir algumas palavras aqui e ali, mas as imagens devem predominar.

Eu, ou o meu parceiro, à mercê das definições de sucesso e poder de outra pessoa? Para que servem exatamente os recursos financeiros na minha vida e na nossa vida como casal? O que é que tenho adiado e que sempre desejei fazer? A vida é frequentemente descrita como aquilo que acontece quando estamos a fazer outra coisa. O mesmo se passa com *a Descoberta*; as perceções surgem frequentemente quando estamos a fazer outra coisa.

O processo de *Descoberta* proporciona uma base para bons resultados entre parceiros com desigualdade financeira. Saber, no sentido mais profundo da palavra, o que é importante para nós próprios e para os nossos parceiros é o primeiro passo para a aceitação das qualidades únicas de cada um. Quando compreendemos o que dá sentido à vida dos nossos parceiros, podemos desenvolver empatia e respeito mútuo.

O uso e o abuso de poder podem afetar profundamente a dinâmica entre pessoas em situações de desigualdade financeira. Para uma relação mais saudável, é fundamental que cada parceiro descubra o seu poder pessoal e a sua fonte, em contraste com o poder posicional percebido. O poder pessoal advém de saber quem cada um de nós é, o que é importante para cada um de nós e aquilo em que acreditamos. Em suma, advém da *Descoberta*. O poder posicional baseia-se em considerações externas de estatuto e outras medidas quantitativas. O poder posicional precisa de ser neutralizado e substituído pelo respeito pelo poder pessoal de cada um.

A jornada da *Descoberta* oferece aos indivíduos e aos casais a oportunidade de deixarem de ter de provar o seu valor e começarem a expressar-se. Quando tentam provar o seu valor, estão frequentemente a tentar corresponder aos padrões de aceitabilidade dos outros. Quando se expressam, estão a dar voz às suas próprias verdades e a expressar-se a partir de dentro. Isto é especialmente importante para o homem que enfrenta o desafio da baixa autoestima, que sente que não está à altura e se questiona sobre como pode provar que é digno. Para a mulher com maiores recursos financeiros, pode ser benéfico refletir sobre a melhor forma de se expressar, enquanto parceira, num contexto em que as desigualdades financeiras não são um fator de preocupação.

Uma mulher que conheço gostaria de ter conhecido *o Discovery* aos 20 anos, em vez de aos 40. Ela olha para trás com pesar pela forma como geriu a sua riqueza, que era superior à do marido. Ele era um empreendedor por natureza e teve sucesso financeiro ao longo dos anos. No início do casamento, ele pediu-lhe que investisse num dos seus empreendimentos. Como os pais dela tinham enfatizado repetidamente que o seu dinheiro devia ser mantido separado e reservado apenas para ela própria, ela ficou paralisada quando o marido fez o pedido. Não tinha como avaliar o investimento de forma objetiva, nem competências para dizer *sim ou não* ao investimento sem o magoar ou sem criar grande ansiedade em si própria. Os receios dos pais dela de que o genro se aproveitasse da sua riqueza ofuscaram qualquer desejo que ela pudesse ter de apoiar o sonho dele. Ela recusou o investimento pelas razões erradas, e ele ficou magoado pelas razões erradas.

Se este casal soubesse praticar *a Descoberta* no início da sua relação, esta situação difícil e carregada de emoção poderia ter-se resolvido de forma diferente. Ela poderia ter descoberto e colocado em perspetiva as mensagens da sua família sobre a sua riqueza. Ele poderia ter compreendido melhor a situação dela e talvez não tivesse levado a «rejeição» do investimento a peito. Juntos, poderiam ter desenvolvido uma noção do sentido das suas vidas, da natureza dos seus sonhos e de como se apoiarem melhor um ao outro. A questão de ela investir ou não, de ele lhe pedir para investir ou não, teria-se tornado menos importante. O foco das suas

conversas poderia então ter-se centrado no panorama mais alargado das suas vidas.

A verdade é que os homens e as mulheres que têm coragem suficiente para discutir estas questões abertamente ainda são poucos. Se introduzirem práticas saudáveis nas suas vidas pessoais, plantarão as sementes e contribuirão para a formação de uma massa crítica. Talvez as organizações que lidam com esta população comecem então a abordar estas questões e a oferecer apoio e educação. *A revista «The Chase Journal*», ao publicar este artigo, é um excelente exemplo e é pioneira por o fazer.

Eis uma visão para os jovens e as suas famílias de origem. As famílias, sejam elas abastadas ou não, reunir-se-iam regularmente num ambiente tranquilo, descontraído e natural. Embarcam na jornada da *Descoberta* quando os seus filhos estão no início da adolescência e começam a descobrir os seus valores e paixões à medida que se aproximam da idade adulta. Discutem, num ambiente seguro e sem julgamentos, o papel que a abundância de dinheiro — ou a sua ausência — desempenhou na formação das suas perspetivas. Brincam com várias definições de sucesso e poder e exploram os seus lugares nas comunidades de que fazem parte. Toda a gama de sentimentos em torno do privilégio, desde o ressentimento até ao sentimento de bênção, é respeitada. Os membros casados da família partilham os seus desafios e as formas como conseguiram gerir com sucesso as diferenças económicas. Consideram a possibilidade de orientar os membros mais jovens da família. Ao partilharem as suas notas dos três exercícios, começam a compreender o que dá sentido a cada membro da família e a apreciar melhor o que lhes dá alegria.

As visões são geralmente sonhos grandiosos, e esta beira a utopia. Para os membros da família que estão empenhados no seu próprio futuro ou no futuro dos seus entes queridos, vale a pena começar por introduzir pequenas partes da visão. Experimente com alguns membros da família. Para começar, por exemplo, reserve uma hora e dedique-se apenas ao Exercício 1: o seu dia ideal. Pequenas mudanças conduzem a mudanças maiores.

Para concluir, cada um de nós provavelmente fica com algumas questões. Por exemplo, como sabemos se estas diferenças económicas são o desafio na relação, ou se são um sintoma que mascara outras questões? Uma forma de começarmos a saber é embarcando na jornada da *Descoberta*. Podemos então utilizar as nossas novas competências para explorar a compatibilidade em muitas áreas e ficamos mais bem preparados para lidar com a miríade de questões que surgirão ao longo do tempo.[12]

Ao refletir sobre o papel que *a Descoberta* pode desempenhar na sua vida, pondere estas questões. Conhece alguém que gostasse de ser lembrado por ter deixado a sua autoestima em baixo, ou por passar mais tempo a sentir-se inadequado, envergonhado ou impotente? Ou que desejasse ter sido mais crítico e controlador, ou mais preocupado? Quem conhece que gostasse que ficasse registado que não fez qualquer esforço para descobrir a sua vocação durante a vida e não dedicou tempo a explorar o seu dia ideal?

Alguém disse uma vez que o segredo para uma vida bem-sucedida não reside em atingir os nossos objetivos, mas em realizar o nosso potencial. *O Discovery* apoia-nos na realização do nosso potencial. Não crescemos nem prosperamos quando o foco está na desigualdade económica.

[12] O aconselhamento pré-matrimonial com um terapeuta competente e experiente em questões de riqueza é inestimável. Se conseguirmos articular os nossos valores e vocações neste contexto, podemos ter mais garantias de um começo sólido.

Se as diferenças económicas forem o foco das nossas energias enquanto casais, nunca conseguiremos ultrapassá-las e descobrir quem somos enquanto indivíduos e potenciais parceiros. Cada um de nós é um ser humano complexo, com histórias que constituem ricas tapeçarias a explorar — tapeçarias que nos levam muito além das diferenças em termos de recursos financeiros. Aqueles que têm o privilégio de possuir recursos financeiros abundantes não são definidos pelo seu dinheiro, e a identidade daqueles com menos recursos financeiros não é definida pelo facto de terem menos dinheiro.

A descoberta oferece uma nova possibilidade para relações bem-sucedidas onde existe desigualdade financeira. Com este modelo, os casais terão uma forma de contrariar as normas sociais e as pressões culturais que não lhes são benéficas.

* * * * *

Com o tempo, esperamos que o termo «desiguais financeiramente» se torne uma relíquia do passado. Com esta nova linguagem, as suas histórias e símbolos, virá a distribuição de recursos financeiros entre homens e mulheres de acordo com as suas capacidades, os seus interesses e os seus percursos de vida, em vez de ser determinada pelo género. Reconhecerá também que a verdadeira felicidade advém da liberdade de procurar a própria vocação em qualquer domínio que seja adequado para cada indivíduo, em vez de a sociedade ditar o percurso de um indivíduo com base numa visão antiquada do estatuto dos homens e das mulheres.

© 2000 James E. Hughes, Jr., Joanie Bronfman e Jacqueline Merrill Publicado

pela primeira vez em *The Chase Journal,* Volume IV, Número 4

ANEXO A

Exemplo de Declaração de Missão Pessoal

A minha vida consiste em explorar as múltiplas facetas do meu potencial: como líder que capacita os outros, como mentora, como alguém que aprende ao longo da vida, como mãe e avó, como amiga dedicada, como parceira romântica e como ativista filantrópica. Valorizo a minha criatividade, espiritualidade e sensualidade. Defendo a ideia de ultrapassar os meus limites e deixar para trás as minhas dúvidas e medos.

Como perfeccionista em recuperação, defendo ser gentil comigo própria e aprender a cuidar de mim. Procuro o equilíbrio entre o tempo para a contemplação e o tempo para ser produtiva.

Exemplo de Declaração de Missão de Casal

A nossa missão como casal é apoiar o crescimento um do outro a nível espiritual, emocional, artístico, intelectual e físico. Estamos empenhados em fazer com que o outro se sinta seguro e não julgado e, ao mesmo tempo, esforçamo-nos por nos perdoarmos quando cometemos erros. Aperfeiçoamos as nossas capacidades de comunicação para que as nossas verdades difíceis possam ser partilhadas e ouvidas. Cultivamos a curiosidade e a compaixão um do outro.

Como casal com uma vocação para servir, exploramos formas de dedicar as nossas energias, separadamente e em conjunto, para causar impacto nas nossas comunidades e no mundo em geral.

Como membros da família, regozijamo-nos com o crescimento e os desafios nas vidas dos nossos familiares e estimulamos, com compaixão, curiosidade, humor e honestidade, novas aprendizagens para nós próprios e para eles.

Reservamos tempo para estarmos juntos para nos divertirmos, para os amigos e para partilhar, e respeitamos a necessidade de solidão um do outro.

BIBLIOGRAFIA

Bronfman, Joanie, *The Experience of Inherited Wealth: A Social Psychological Perspective*, manuscrito não publicado, disponível na UMI (University Microfilms International), Ann Arbor, MI, 1987, Tel.: 1-800-521-0600.

Clark, Kim, *«Women, Men and Money*», revista Fortune, 5 de agosto de 1996, pp. 60-61.

Emmott, Bill, ed., *«Reflexões sobre o século^{XX}*», revista The Economist, 11-17 de setembro de 1999, pp. 5-44.

Faludi, Susan, *«Stiffed: The Betrayal of the American Man*», William and Morrow & Co., 1999.

Leibovich, Lori, *«Reversal of Fortune*», Harper's Bazaar, agosto de 2000, p. 192.

Thornhill, Randy, *«A Natural History of Rape: Biological Bases of Sexual Coercion*», MIT Press, 2000.

Townsend, John Marshall, *O que os homens querem – O que as mulheres querem: Por que razão os sexos encaram o amor e o compromisso de forma tão diferente,* Oxford University Press, 1998.

Townsend, John Marshall e Levy, Gary, *«Efeitos da atratividade física e do estatuto socioeconómico de potenciais parceiros na sexualidade e na seleção de parceiros*», *Archives of Sexual Behavior*, vol. 19, n.º 2, 1990.

Wiederman, Michael W. e Allgeier, Elizabeth Rice, *«Diferenças de género nos critérios de seleção de parceiros: explicação sociobiológica ou socioeconómica*», Archives of Ethology and Sociobiology, vol. 13, 1992.